

O Feminino: Marcador de Exceção Lingüística, Subjetiva e Social

The Feminine: Pointer of Linguistic, Subjective and Social Exception

Rúbia Liz Vogt de Oliveira¹

Resumo: Acadêmicos e leigos conferem à Língua Portuguesa (um suposto) machismo. Suas alegações, contudo, não encontram fundamento na lingüística. A análise lingüística, pelo contrário, mostra que o gênero feminino é marcado na Língua Portuguesa, diferentemente do indistinto gênero masculino (não-marcado). Aqueles que acusam a Língua Portuguesa de machismo ignoram nos seus argumentos, ainda, a diferença entre gênero e sexo. O entendimento lingüístico acerca do gênero feminino encontra seu correlato na teoria psicanalítica lacaniana. Para Lacan, o feminino é um *não-todo* que ocupa lugar de exceção. Assim sendo, o feminino sustenta a constituição da subjetivação do sujeito e sua vinculação ao social. De tal modo, é possível traçar um paralelo entre as duas teses (lingüística e psicanálise), particularmente em relação às implicações do gênero feminino na linguagem e da diferença entre gênero e sexo.

Palavras-chave: feminino; linguagem; lugar de exceção; subjetivação; vinculação social.

Abstract: Scholars and laymen grant to the Portuguese Language (an alleged) sexism. Their claims, however, found no basis in linguistics. Linguistic analysis, contrariwise, shows that the feminine gender is marked in the Portuguese language, unlike the indistinct masculine (unmarked). Those who accuse the Portuguese of sexism ignore in their arguments the difference between gender and sex. The linguistic understanding about the feminine gender finds its correlate in Lacanian psychoanalytic theory. For Lacan, the feminine is a *not-all* that occupies an exception room. Thus, the feminine holds the constitution of the subjectivation of the subject and its bonds to society. In this way, one can draw a parallel between the two theories (psychoanalysis and linguistics), particularly in relation to the implications of the feminine gender in language and the difference between gender and sex.

Keywords: feminine; language; exception room; subjectivation; social bonding.

Uma opinião recorrente entre leigos e acadêmicos atribui um (suposto) machismo à Língua Portuguesa. Algumas dessas alegações serão apresentadas e exemplos a elas concernentes serão dados. Em seguida, as acusações de machismo da Língua Portuguesa e seus exemplos concernentes serão submetidos a uma análise lingüística, a qual isenta a Língua Portuguesa das características machistas que lhe são imputadas. O foco da análise

¹ Mestre, bacharel e licenciada em Filosofia pela UNISINOS. Professora de filosofia do Colégio de Aplicação - CAp da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Acadêmica do curso de Letras pela UFRGS. E-mail: rubiavogt@yahoo.com

lingüística será o gênero, objetivando mostrar que o gênero feminino é o gênero marcado. Tenciona-se, também, esclarecer, brevemente, que há diferença entre sexo e gênero.

Em seguida, a teoria psicanalítica de Jean-Pierre Lebrun (em especial, a explicitada no Capítulo 6, *A exceção e o feminino*, de *Clínica da Instituição*) apoiada em Lacan (principalmente, no livro 20, *mais ainda*, do Seminário) suportará a delineação do feminino como um *não-todo*, o qual ocupa um *lugar de exceção*. Nesse sentido, o feminino será o ponto de apoio necessário para a constituição da subjetivação do sujeito bem como de sua vinculação ao social. Por fim, algumas considerações serão colocadas no intuito de aproximar a análise lingüística operada à teoria psicanalítica do feminino como lugar de exceção. Pretende-se traçar um paralelo entre as duas teses particularmente em relação às implicações (lingüísticas e psicanalíticas) do gênero feminino na linguagem e da diferença entre gênero e sexo.

O Gênero Feminino na Língua Portuguesa: uma Suposição de Machismo da Língua Portuguesa Lingüisticamente Infundada

É manifesta, entre leigos – e também entre acadêmicos – a afirmação de que a Língua Portuguesa é machista. Tal fala se sustenta em algumas constatações, tais como: (i) a referência a um grupo constituído por *n* mulheres e apenas um homem é feita no masculino; (ii) muitas palavras são ofensas no gênero feminino da língua ou se dirigidas ao sexo feminino, mas elogios no gênero masculino ou para o sexo masculino; e (iii) quando se quer ofender um homem, diri-se o insulto a uma mulher que lhe é cara.

Exemplos das situações (i). (ii) e (iii), as quais são comumente percebidas pelas pessoas como demonstrações de machismo, são: pergunta-se, sobre os rebentos de uma mãe que tem cinco filhas e um filho, com o pronome masculino – ‘como **eles** têm passado?’ (i); a expressão ‘galinha’ designa, ao mesmo tempo, negativamente a uma mulher que se relaciona com muitos homens – o que a torna vulgar, promíscua – e positivamente a um homem que se relaciona com muitas mulheres – o que o torna um conquistador (ii); comparar um homem a um ‘boi’ significa dizer que ele é forte, grande ou gordo; cotejar um homem a um touro indica que o macho em questão é viril. No entanto, aludir a uma mulher com o termo ‘vaca’ implica

que esta fêmea é promíscua, má, maldosa (ii)²; no jogo de futebol, as injúrias dirigidas ao juiz são repassadas a sua mãe (iii).

A afirmativa de que a Língua Portuguesa é machista, corroborada por exemplos de usos ordinários da língua, carrega consigo (ao menos) três equívocos, os quais são explicados pela lingüística. O primeiro diz respeito à Língua Portuguesa ser machista. Uma língua não é uma entidade com vontade própria e os sentidos pretendidos são colocados pelos falantes que dela fazem uso. Ou seja, a intencionalidade – no caso, a de cunho machista – está no emprego contextual da língua pelo falante, e não na própria língua, indiferente aos seus efeitos (morais, políticos, etc.) no mundo. Embora esse argumento possa ser mais desenvolvido³, ele não compõe o objeto central a ser analisado. Dessa forma, o esclarecimento colocado torna-se suficiente aos propósitos da discussão.

O segundo equívoco recai sobre a confusão entre gênero e sexo⁴. O gênero das palavras (que pode ser feminino ou masculino no Português) não tem ligação direta com os sexos masculino e feminino, nem mesmo no caso dos substantivos animados. Embora o mais comum seja pares como ‘gato/gata’⁵, há os casos de nomes com apenas um valor de gênero (testemunha, águia), de nomes animados ambíguos (um/uma jornalista) e de nomes inanimados, que não tem conteúdo referencial definido (mapa, copo, maçã). Acrescenta-se que nem todos os adjetivos e nomes admitem contraste de gênero (simples, casa, pessoa).

A confusão entre gênero e sexo, quando do emprego das palavras de cunho machista, restringe-se ao campo do léxico, o qual não define uma língua. Como explica Carvalho (2009), o que caracteriza uma língua são seus instrumentos gramaticais (flexões nominais e verbais, artigos, preposições, número, etc.)⁶. Assim, a escolha de determinado item lexical é

² São muitas as exemplificações possíveis a (ii). Faz-se um convite ao leitor para que ele procure outros exemplos oriundos de suas próprias vivências.

³ A pragmática griceana (Cf. GRICE, Paul. *Lógica e Conversação*. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo. **Fundamentos metodológicos da lingüística**: pragmática. Campinas: UNICAMP, 1982. p. 81-103. v. IV) mostra a intencionalidade como uma pretensão do falante e os efeitos de sentido como resultado do uso contextual da língua feito pelo falante.

⁴ Mesmo algumas gramáticas incorrem nesse erro.

⁵ Nem a relação da desinência *-o* para o masculino e *-a* para o feminino se sustenta por completo, à exemplo dos substantivos mapa e poeta (masculinos), artista (feminino ou masculino) e das desinências *-e* (mestre, ponte, monte), *Ø* (peru) e *u* semivocálico (europeu, mau) (Cf. KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. São Paulo: Ática, 1998. 72 p.)

⁶ Nesse sentido, Carvalho (2009, p. 39) ilustra que “[...] é por isso que o inglês é considerado língua germânica e não latina, apesar de ter uma quantidade significativa de palavras latinas no seu léxico. Da mesma forma, o romeno é considerado língua latina, apesar da grande quantidade de palavras eslavas em seu dicionário.”

livre ao falante, sem imposição da língua. Por isso, “[...] não é a língua que é machista, mas o falante, quando usa nomes elogiativos para o homem e ofensivos para a mulher.” (CARVALHO, 2009, p. 40).

O terceiro equívoco atribui machismo à Língua Portuguesa amparado na disposição do pronome masculino para identificar um grupo composto tanto por indivíduos do sexo masculino quanto do sexo feminino (como previamente exemplificado por (i)). A análise lingüística mostra que o emprego do pronome masculino no caso referido dá-se por esse ser não ser marcado. Isso significa que os pronomes masculinos não diferencia masculino e feminino. Carvalho acrescenta que “[...] se há muitas mulheres e apenas um homem num lugar, a concordância no masculino apenas assinala que não se está especificando gênero nenhum, que não se está privilegiando ninguém.” (CARVALHO, 2009, p. 40). Já o pronome feminino – marcado – traz distinção. Se a menção ao grupo de (i) é feita, por exemplo, na forma ‘eles e **elas**’, o pronome feminino distingue a presença (lingüística) feminina. A diferença trazida pelo pronome feminino nunca é alcançada pelo pronome masculino.

O Feminino: Lugar de Exceção

Lacan, ao denominar o ser gozante, sujeito analítico, por *fallasser*, revela a dimensão da imbricação entre o sujeito e a linguagem. Contudo, a língua não pertence ao sujeito. Lebrun afiança que

[...] falamos apenas com as palavras que vêm do outro, nós somos, portanto, cada um, primeiramente e antes de tudo, constrangidos pela língua que vem sempre do outro, uns alienados, portanto uns limitados pelas palavras [...]. (LEBRUN, 2008, p. 15-16)

Dessa forma, aprender uma linguagem implica tanto elaborar um psiquismo singular quanto participar da vida coletiva (LEBRUN, 2009). A linguagem instaura, também, a interdição do objeto que permitiria a satisfação saturante. O acesso ao objeto será mediado pela pelo símbolo, pela linguagem.

A primeira separação que a linguagem estabelece é a da criança com a mãe. Melman (apud LEBRUN, 2009, p. 176) assevera “[...] que a língua materna é a aquela na qual a mãe é interdita.” A interdição do incesto (o não-acesso à Coisa) provoca a primeira metáfora, que é a paterna. Entre a falta e o desejo instala-se o falo, “[...] que se encontra em todos os níveis da

parte superior do esquema da sexuação, [...] [e que] não tem outro valor senão o de representar a própria possibilidade de simbolização.” (LEBRUN, 2009, p. 176-177).

A diferença dos sexos, quando expressa pela linguagem, possibilita a emergência do sujeito singular e dependente ao coletivo. Uma condição *sine qua non* para constituição de um conjunto matemático é que ao menos um elemento não lhe pertença⁷. À exemplo da teoria dos conjuntos matemática, “[...] também é necessário que haja um lugar de exceção para instituir o coletivo.” (LEBRUN, 2009, p. 177-178). LEBRUN (2009, p. 178) revela também que “[...] o lugar de exceção é como que o ponto de apoio necessário, a partir do qual o trajeto de exceção contingente do singular possa se realizar.” Ou seja, o lugar de exceção permite a constituição tanto do sujeito singular quanto sua vinculação ao coletivo.

A presença do feminino revela sempre o que não há. Lebrun elucida esse vago dizendo que

[...] a ausência do pênis em uma mulher vem [...] para perfurar o que não pode se apresentar na imagem senão como presença plena. O encontro com a ausência na presença se faz, pois, primeiro por meio da imagem da diferença dos sexos. (LEBRUN, 2009, p. 178)

O paralelo com a linguagem é traçado elevando-se essa percepção imaginária ao estatuto de símbolo. Falar, ao mesmo tempo em que interrompe o vazio do silêncio, evoca o que não está (o que não foi dito)⁸. Em outras palavras – e voltando à percepção imaginária – “[...] a diferença dos sexos, é, no nível do desejo, o que evoca a falta de onde se constitui o desejo.” (LEBRUN, 2009, p. 178).

O lugar de exceção estabelece a busca pelo singular. E o paradigma do lugar de exceção é o feminino. Lebrun (2009, p. 178) aclara a exceção do pai, afirmando que “[...] sendo o feminino o que escapa à totalização – o verdadeiro não-todo –, ele é como que o modelo da singularidade que deve sempre se ex-cetuar do conjunto para... se inventar.”

⁷ De acordo com a teoria dos conjuntos matemática de Gottlob Frege.

⁸ Falar instaura um vazio não só por carregar consigo o não dito, mas desde o espaço (o vazio) entre cada palavra da fala.

É tarefa do infante (um não-falante)⁹ apropriar-se da fala. O adulto, ao sustentar sua fala, ao responsabilizar-se por seu próprio dizer, sustenta sua própria autoridade. A subjetivação se dá nesse processo. Mas a subjetivação implicaria na supressão do Outro? Essa é apenas uma possibilidade. Há, entretanto, outra alternativa.

A aquisição da fala dá-se com palavras que vêm do Outro. O sujeito, ao admitir a condição de ser falante, reconhece-se furado e aberto, autoriza a exceção contingente singular a existir ao seu lado (LEBRUN, 2009). O feminino – que não é necessariamente um atributo das mulheres – viabiliza um caminho para além do todo fálico que gere o laço social¹⁰. Lebrun resume:

A categoria do não-todo é aquela que instaura o módulo lógico que permite à realidade psíquica tornar efetiva a alteridade que, se for introduzida e posicionada pelo lugar lógico da exceção necessária (o pai), será sustentada e mantida pelo lugar lógico da exceção contingente (uma mulher). (LEBRUN, 2009, p. 190)

Algumas Considerações

O trato lingüístico desmistifica as teses que imputam caráter machista à Língua Portuguesa; ele mostra, inclusive, que na Língua Portuguesa se passa justamente o contrário do defendido pelas acusações lingüisticamente infundadas: o gênero feminino é marca de distinção na língua (contrariamente ao gênero masculino, indistinto).

A lingüística não considera que as palavras sejam carregadas, necessariamente, de moralidade, política, etc. Esses efeitos de sentido no mundo certamente podem ser causados por palavras, mas de acordo com a acepção dada pelo falante. Assim, a Língua Portuguesa não é machista. O machismo está no falante que emprega a língua com fins de distinção valorativa entre homens e mulheres. Para a psicanálise, a condição de ser falante não é questão fisiológica (emissão de som), mas competência lingüística do *falasser* e dos *trumains*¹¹, que significam de acordo com sua subjetividade e alteridade.

⁹ Lebrun (2008) atenta para a origem latina da palavra infante. *In-fans* deriva do verbo *fari*, ‘falar’ em latim.

¹⁰ O laço social tem passado por mutações. O poder vertical, centrado no masculino, não se sustenta mais com tanta facilidade. Por outro lado, uma nova ordem ainda não está instaurada. A mutação e a nova configuração do laço social, no entanto, não são tópicos do presente trabalho.

¹¹ Termo laciano que mostra o furo do humano.

Há uma gama de exemplos que expõem a diferença entre sexo e gênero (ou ainda, que o gênero na língua não se aplica de acordo com o sexo biológico). Para trazer um novo caso que explicita a não correspondência (ao menos, direta) entre gênero lingüístico e sexuação, há a diferente aplicação de gênero nas línguas¹². Os diferentes gêneros aplicados a palavras de significado correspondente ao longo das línguas evidencia a arbitrariedade da vinculação entre gênero e palavra. Seria ir ainda mais longe estender o gênero do vocábulo ao gênero sexual.

A psicanálise reconhece no feminino o lugar da exceção. Mas, como alerta Lebrun, o feminino não corresponde diretamente à mulher. Segundo o autor, “o feminino não é propriedade das mulheres” (LEBRUN, 2009, p. 184). O trabalho do feminino pode ser exercido tanto por homens quanto por mulheres. Não se quer, com isso, negar uma intuição que associa o feminino às mulheres. Possivelmente, o atributo feminino é mais recorrentemente encontrado junto às mulheres. A questão consiste em problematizar a naturalidade dessa vinculação (feminino/mulher). A negação do feminino aos homens poder ser, inclusive, fonte de preconceitos que recaem sobre as mulheres. No clássico livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*,¹³ Elizabeth Badinter mostra que a restrição do feminino à mulher desobriga os homens de trabalhos do feminino, a exemplo da maternação.¹⁴

Uma abordagem morfológica do gênero no Português mostra que o emprego do pronome feminino opera uma distinção na Língua. Contrastando com a aplicação do masculino, o pronome feminino marca a presença do feminino – presença essa lingüística ou também de mulheres. Para a psicanálise, o feminino é modelador de uma marca de exceção. Como radicalmente afirma Lacan,

[...] não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras [...]. Nem por isso deixa de acontecer que se ela está excluída pela natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar. (LACAN, 1985, p. 99)

¹² Em italiano, *il serpente*; em português, **a** serpente. Em francês, *la mer*; em português, **o** mar. Em espanhol, *el arte*; em português, **a** arte.

¹³ Cf. BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 372 p.

¹⁴ Há, até mesmo, uma fala popular que assevera ser impossível a uma mulher abandonar o lar (a família e, em especial, a prole), comportamento esse compreensível quando praticado por homens.

Lacan contrasta as funções do feminino e do masculino, atribuindo ao feminino trabalho suplementar (como ele mesmo alerta, suplementar, e não ‘complementar’). O feminino, como lugar de exceção, permite a exceção contingente, da mesma forma que, na Língua Portuguesa, o pronome feminino marca uma presença excepcional: a feminina.

Referências

CARVALHO, José Augusto. A língua portuguesa é machista? **Revista Língua Portuguesa**, ed. 39, p. 39-40, jan. 2009.

LACAN, Jacques. **Mais, ainda (1972-1973)**. 2. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 201 p. (O seminário ; v. 20).

LEBRUN, Jean-Pierre. A exceção e o feminino. In: _____. **Clínica da instituição**: o que a psicanálise contribui para a vida coletiva. Porto Alegre: CMC, 2009. p. 175-196.

_____. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.